



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de comemoração da abertura da conta CAIXA Aqui de número 500 mil

Palácio do Planalto, 09 de setembro de 2003

Meu caro companheiro Jorge Mattoso, presidente da Caixa Econômica Federal,

Meu caro companheiro Palocci, ministro da Fazenda,

Meu caro companheiro Olívio Dutra, ministro das Cidades,

Estou vendo aqui o companheiro Paulo Delgado, nosso deputado federal,

Minha querida companheira Marisa,

Funcionários da Caixa Econômica Federal, gerentes, diretores e “simples mortais” da Caixa Econômica Federal,

Meus queridos companheiros e companheiras que estão, hoje, sendo testemunhas, como protagonistas, de um processo simples de inclusão das pessoas mais pobres no sistema de crédito e no sistema bancário brasileiro.

Somente vocês que viveram até agora sem poder ter uma conta bancária é que saberão dar sentido a esse exercício de cidadania, pois para quem já nasce tendo possibilidade, isso não significa nada. Mas para quem, aos 74, aos 50 aos 60 anos, consegue ter a sua primeira continha, esse é um passo extraordinário.

Quero Jorge, antes de fazer o meu pronunciamento, dizer para você que, uma vez, fazendo uma caravana pelo norte do país, no estado do Pará, eu fui abordado por um prefeito que me dizia que tinha os chamados “piratas” do Rio Tapajós, do Rio Amazonas. A inflação era muito alta naquele período – eu estou falando de 93 – e os prefeitos iam à cidade, em Belém, na Caixa ou no



Banco do Brasil, buscar o dinheiro para o pagamento dos funcionários, porque não tinha nenhuma agência na cidade; e, normalmente, eles eram assaltados no meio do rio. E quando eles não eram assaltados, eles eram obrigados a levar o dinheiro para a cidade e pagar adiantado aos funcionários, porque, como a inflação era muito alta e não tinha agência bancária, eles não podiam ficar com o dinheiro guardado na prefeitura. Então, tinham que pagar.

Uma outra vez eu fui a Minas Gerais, Manhuaçu, em que as pessoas, os aposentados, que tinham que se deslocar mais de 184 quilômetros de ônibus para poder receber a sua aposentadoria de um salário mínimo, porque naquela cidade não tinha uma agência bancária. E gastavam 5% do seu salário no transporte para receber a aposentadoria.

Mudar esse quadro é uma necessidade tão importante quanto a gente fazer a economia crescer, quanto gerar emprego, quanto fazer as casas e o saneamento básico neste país. Porque são coisas pequenas, que não mexem com a classe média brasileira, não mexem com nenhum de nós que temos acesso a banco há muito tempo, mas que mexem com uma parte significativa de milhões e milhões de brasileiros. Só o fato de ter um cartãozinho magnético e poder chegar ao banco e tirar apenas aquilo que é preciso, sem correr o risco de ser assaltado no meio do caminho, já é uma coisa maravilhosa.

Por isso eu quero começar, Jorge, dando os parabéns ao desafio que você assumiu – e não foi apenas a Caixa Econômica, mas o Banco do Brasil, e o próprio BNDES – de provar que o povo estava precisando apenas de uma chance, menos de dinheiro e mais de chance. E na hora em que se abriu a chance, o povo conseguiu surpreender você, acho que todos os funcionários da Caixa e me surpreender, porque a gente previa que chegaríamos a 500 mil pessoas no final do ano e, em apenas três meses, chegamos a 500 mil pessoas. Preparem-se, porque nós ainda vamos ter muitas surpresas e milhões de brasileiros vão procurar a Caixa.



Meu caro Arlindo Chinaglia, aí atrás, tão escondidinho, poderia ter vindo aqui para a frente e, quem sabe, já sair daqui com uma conta aberta na Caixa, para receber o seu salário de deputado.

Um país não pode ter cidadania só pela metade. Um povo não pode viver dividido entre os que comem e os que passam fome; os que moram e os que se escondem; os que têm conta em banco, crédito, financiamento e os pobres, aqueles que, mesmo quando ganham algum dinheirinho, precisam guardar debaixo do colchão, porque banco nenhum se interessa por eles.

Isso criou no Brasil, principalmente no tempo da inflação alta, mas ainda hoje, dois tipos de dinheiro: tem o “dinheiro do rico” e o “dinheiro do pobre”; o do rico fica protegido no banco, dorme lá, rende juros, serve de aval para conseguir mais recursos, créditos, financiamentos, coisas que os pobres não têm.

A origem disso tudo é a vergonhosa concentração de renda da nossa sociedade. Afinal, se 10% população detém 50% da riqueza, os bancos se acomodam e preferem concentrar a clientela no filé-mignon da sociedade. O resultado é um círculo vicioso e o efeito acaba reforçando a causa. Tanto que nós sabemos: ser pobre não significa apenas não ter recursos, significa, principalmente, não ter acesso a quem tem recursos.

A exclusão bancária agrava a concentração de renda. Foi por isso que nós resolvemos fazer uma revolução no microcrédito neste país. E para fazer essa revolução a primeira providência foi ampliar o volume de recursos e o acesso dos pobres à rede bancária. No total, destinamos quase 4 bilhões de reais ao crédito popular.

Uma série de medidas que anunciamos no início de junho já mostram resultados e confirmam a existência de uma enorme demanda não atendida.

A Caixa arregaçou as mangas, rompendo a tradição arraigada neste país de achar que pobre é risco. O resultado é este: o programa Caixa Aqui já passou de 500 mil contas, ou seja, antecipou a meta que era para o final do



ano. O que significa dizer que nós vamos poder dobrá-la até dezembro, se mantivermos uma abertura média de 150 mil contas por mês, quase sete mil por dia.

Não é milagre. É formular a política certa para atender às verdadeiras necessidades da população. Foi por isso que lançamos uma conta sem burocracia. A Caixa não pede comprovante de renda. Por isso, a dona Izabel Maria de Oliveira pôde abrir a sua primeira conta aos 74 anos de idade. Por isso, dona Maria das Neves Mendes da Silva, de 67 anos, pôde fazer o mesmo e se tornar a detentora da conta 500 mil.

A dona Neuza Magalhães, vendedora ambulante, moradora de um albergue em São Paulo, também abriu a sua conta. E, como ela, a Dalva Aparecida; a Ângela da Luz Alves, aqui de Taguatinga. O Edmar Silva, vendedor ambulante também daqui, de Ceilândia. E, ainda, o nosso companheiro motorista que, aos 63 anos, abriu agora a sua primeira conta no Rio de Janeiro.

Nós sabemos que praticamente metade da população trabalhadora, hoje, vive na informalidade. Vamos mudar essa situação. Mas todos nós sabemos também que não será da noite para o dia.

Hoje, se fosse para exigir papelada, todo mundo continuaria de fora, sem acesso a uma conta bancária. Nem endereço fixo a Caixa pede. Exatamente porque nós queremos incluir. Queremos dar uma chance para que o pequeno possa botar o pé no vão da porta e ir abrindo, até conseguir entrar de corpo inteiro e poder dizer, finalmente: sou cidadão brasileiro ou cidadã brasileira.

Quero contar rapidamente como essas medidas tão simples podem mudar, e muito, a vida dos humildes.

Na cidade de São Paulo existem cerca de 9 mil moradores de rua e quase 20% deles são catadores de papel, de alumínio e plástico. São os nossos heróis da reciclagem.



Essa gente pobre, embora viva na rua, ganha o seu dinheirinho honestamente e jamais teve qualquer chance de ter acesso a serviços bancários.

Pois bem, a Prefeitura de São Paulo criou um projeto social dirigido a eles. Entre outras coisas, inclui a abertura de uma conta bancária. Acreditem vocês: 230 contas já foram abertas em dois meses, no posto de atendimento da Caixa, lá no Projeto Boraceia, em São Paulo.

Vocês imaginam o quanto isso significa para a auto-estima desse povo? E não só para a auto-estima. Sim, porque, a conta simplificada é uma via de duas mãos: essa gente simples e decente, a partir de agora, passa a ter direito também ao crédito bancário, a juros reduzidos, compatíveis com a sua capacidade de pagamento.

Inicialmente, o cliente da conta eletrônica poderá tomar até R\$ 200,00, para atender necessidades emergenciais ou gastos extras. Tem gente que acha que R\$ 200,00 é muito pouco. Eu fui a um bairro de Fortaleza, no ano passado, e as pessoas criaram uma cooperativa onde as pessoas emprestam um cartãozinho de crédito, R\$ 20,00 por pessoa. Se R\$ 200,00 é pouco, imagine R\$ 20,00. Agora, imagine R\$ 20,00 num caso emergencial, para uma pessoa comprar o que levar para comer em casa no final de semana. Isso tem mais valor do que, às vezes, três, quatro ou cinco mil reais para uma pessoa ter acesso a uma conta para trocar de carro ou para comprar um outro bem material qualquer. Então, a importância do valor do crédito é proporcional à importância e ao tamanho das necessidades das pessoas.

Estamos tirando muita gente das mãos do agiota, oferecendo crédito popular, a juro baixo. Esta é uma outra coisa importante. Quem vive por esse Brasil afora percebe que, muitas vezes, um trabalhador recebe o seu salário no dia 5 e, por algum motivo, no dia 6, ele já está tomando dinheiro emprestado. E a coisa mais habitual é o cara falar: “eu te empresto 50, mas eu quero 100 de volta, daqui a dez dias. Eu te empresto 100, mas quero 200”. Ou seja, no



fundo, no fundo a agiotagem permeia o comportamento de muita gente neste país e o comportamento dos bancos. Agora, a Caixa Econômica o Banco do Brasil, o próprio BNDES e outros bancos privados que começam a entrar nesse processo, vão garantir que a sociedade deixe de ser vítima da agiotagem estabelecida no nosso país. Coisa que muito lojista já percebeu que vale a pena neste país, por uma razão elementar: pobre paga em dia. Para ter o nome “limpo” na praça, ele não dá calote. E quando atrasa, avisa. Só o Estado brasileiro não havia percebido isso ainda.

Esse é um fator importante. Vocês, que são funcionários da Caixa, que vão lidar com gente pedindo empréstimo: muitas vezes, o único patrimônio que o pobre tem é o seu próprio nome. É por isso que, quando você fizer uma pesquisa em qualquer segmento mais pobre da sociedade, você vai perceber que ele tem ojeriza à palavra “calote” ou não pagamento. Sabe por que? Porque muitos já passaram por experiência de comprar uma geladeira, uma máquina de lavar, um simples fogão e, por não pagar, veio o caminhão e levou embora. Então, zelar pelo patrimônio que é o seu nome, é quase que uma coisa fantástica, coisa que outros não tem. Porque se você pegar as dívidas dos bancos públicos que foram privatizados neste país, você vai perceber que não tem nenhum pobre que deve ao banco. É só pegar a lista. Não tem um único pobre que deve ao banco. Ou seja, quem deve ao banco, normalmente, é uma parte mais aquinhoadada, que teve acesso a juros e a dinheiro que pobre nunca conseguiu ter.

Se o Estado brasileiro não havia percebido isso ainda é porque, de certa forma, desconfiava do povo; porque levava calotes bilionários dos grandes; tomava tombo de milhões de reais, mas não emprestava duzentos, trezentos, quinhentos reais para o pessoal mais pobre, por pura desconfiança.

Agora isso acabou e o país todo vai ganhar com a mudança. O crédito popular ajudará também a criar um mercado de consumo de massa.



Contribuirá para tornar nossa indústria mais forte, nossa agricultura mais produtiva e nosso desenvolvimento verdadeiramente sustentável.

Mas a exclusão não deixa só as pessoas do lado de fora, na soleira do país. Há cidades inteiras – como eu disse agora há pouco –, regiões inteiras invisíveis no mapa financeiro nacional. Nada menos que 30% das cidades brasileiras, ou seja, 1.674 municípios não possuem sequer uma agência bancária. Vira um gargalo na vida do lugar e da sua gente. O comércio não se amplia e o que já existe, definha, porque quando as pessoas vão retirar o dinheiro da aposentadoria, por exemplo, têm que ir para uma cidade vizinha. E aí eles já aproveitam e já gastam o dinheiro deles na cidade vizinha e não na cidade em que ele moram.

Mas agora já existe também a alternativa dos correspondentes bancários. São pequenas padarias, mercearias ou lojas lotéricas contratadas pela Caixa que funcionam como uma agência: fazem pagamentos, recebem dinheiro e liberam benefícios sociais do governo, como o programa Fome Zero. Isso tudo coloca mais recursos no comércio e gira a economia local.

Para isso, nós também facilitamos a regulamentação de cooperativas de crédito com livre admissão de associados. Elas vão ajudar a desenvolver economias locais, muitas vezes sem acesso bancário. Em pouco tempo, já temos dez pedidos de abertura dessas cooperativas no Banco Central. E outros 36 para cooperativas de microempreendedores.

Isso não é fantasia. Há experiências como a de Bangladesh, iniciada há mais de 30 anos, onde se criou um banco dos pobres que, hoje, reúne mais de 2 milhões e 200 mil clientes e uma carteira de empréstimos de US\$ 2 bilhões de dólares. Quem sabe, nós também chegaremos lá.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Em economia não existe panacéia, não existe truque, nem carta na manga. O que existe é o compromisso político deste governo de promover a justiça social, democratizando as oportunidades.



O microcrédito é uma parte fundamental da solução e um requisito da cidadania.

Alguns dizem que a vida moderna é uma mistura de sonho e crédito. Eu prefiro dizer que a vida – em todos os tempos – sempre foi uma mistura de trabalho e esperança.

O que a gente está fazendo com o microcrédito é alimentar a chama dessa esperança, para que ela ilumine um futuro melhor para todos.

Meus parabéns Mattoso, meus parabéns Palocci, meus parabéns aos meus queridos companheiros e companheiras que abriram a sua primeira conta. E meus parabéns aos pessoal da Caixa, por essa demonstração de competência e de bem servir ao nosso país.

/rss